

Feminilidade e masculinidade- um declínio e ou mutação das identificações?

A modernidade nos traz desafios a respeito da feminilidade e da masculinidade e nos convoca a pensar sobre seus possíveis destinos.

Não há nada no psiquismo, sem que tenham sido inscritos, pelas insígnias sociais, que nos digam que somos homens ou mulheres, nem no real do corpo, este apenas nasce com pênis ou vagina, que não são suficientes para essa determinação, Freud- vol. VII, pág. 208.

Freud também relata que, a observação mostra que, masculinidade e feminilidade puras, não são encontradas nem no sentido psicológico, nem no biológico. Ser homem ou ser mulher, vem como sintoma, da produção de sentido

A atividade autoerótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos. Freud formula a hipótese de que a sexualidade das meninas teria um caráter inteiramente masculino, pois a libido é de natureza masculina, que ocorra no homem ou na mulher. Abstraindo sua escolha objetual, seja este homem ou mulher. Entendendo-se que a libido é sempre ativa, esteja do lado do homem ou da mulher. Para Freud, isso teria levado a doença nervosa ou à neurose histérica, onde o recalçamento se fez necessário de uma parcela da sexualidade masculina na mulher. Essa posição feminina, teria feito os homens ficarem com suas libidos mais intensificadas

Para Freud, o que acontece com os meninos, comparado ao que ocorre no desenvolvimento da menina em mulher "normal" é mais difícil e complexo, já que inclui duas tarefas extras do que no desenvolvimento do menino em homem. A primeira delas é a transferência total ou parcial da zona erógena clitoris para a vagina, ao passo que no homem, o prazer se mantém na mesma zona erógena. A segunda condição para o acesso a feminilidade é a passagem do objeto de amor, sua mãe, para o pai e posteriormente para outro homem. No caso dos meninos, o seu primeiro objeto de amor, sua mãe, se mantém, para posteriormente passar a ser outra, também mulher.

No que se passa entre um homem e uma mulher, ninguém consegue meter a colher, mesmo que queira. É noite, ouvem-se barulhos, gritos de socorro, chama-se a polícia, quando esta chega: A mulher diz: - Não foi nada! Foi só uma discussãozinha boba! Está tudo bem!

Freud descreve que devido a uma quantidade maior de narcisismo, para a mulher, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. Esse fato leva muitas mulheres à devastação, quando elas escolhem inconscientemente viver ao lado de um homem com atitudes perversas, acreditando que são espancadas em nome do amor. Parece então, que não há lei, que dará conta dessa relação inconsciente.

Sabe-se que no discurso da polis, diz-se, que a mulher deve denunciar o agressor e não se calar. Porém, o que temos visto, é a cada vez mais o aumento exponencial da violência dita doméstica, quicá, na mesma medida em que ocorrem as denúncias. Essa violência, também chamada de feminicídio, na qual o homem mata a mulher "simplesmente pelo fato de ser mulher", bem eu diria que é pelo fato, que não tem nada de simples, que ele mata, por ser a "sua mulher", porque assim é compreendido por ele. Como é que se vai combater a violência com outra violência? Ou seja, com o não reconhecimento deste sujeito no ambiente familiar. Além disso, é inadmissível para ele que a mulher deseje mais do que ele pode dar. Depois de ouvir dezenas de depoimentos de mulheres que apanharam, somente

uma delas pensou em não dizer, nem fazer nada para irritar mais ainda esse homem, que já estava enfurecido, para que se acalmasse e ela pudesse sair ilesa.

A exigência de igualdade e respeito, dizer que ninguém tem direito de dispor do corpo do outro sem um acordo mútuo, bem, não há relação contratual possível com o Outro do Gozo! Há até uma cultura onde o rapto da noiva é um ritual, para simbolizar o impossível de se fazer contrato dentro dessa relação sexuada entre o homem e a mulher.

Se para acessar a feminilidade, a mulher opta por fins passivos, isso não significa necessariamente acessar a passividade. Para se colocar em posição passiva, pode ser necessária muita atividade. Enquanto na masculinidade a atividade se mantém. Freud- vol. XXII, pag. 116.

A supressão da agressividade nas mulheres, algo que é esperado socialmente, favorece o aparecimento de impulsos masoquistas, as tendências destrutivas podem permanecer internalizadas. Assim como também encontramos masoquismo em homens. Há algum tempo atendo uma mulher de 55 anos, cujas 3 filhas já haviam saído de casa e a 6 anos estavam apenas ela e o marido, este com atitudes bastante perversas, não se cansava de culpá-la por tudo que acontecia. Enquanto ela brigava com ele por isso, entendendo que ele deveria mudar sua atitude, ela se mantinha saudável, ao perceber que ele não iria mudar e por isso ela não descarregava mais sua raiva sobre ele, mas sim sobre si mesma, a partir daí, desenvolveu diabetes, doença autoimune, que ataca a si mesma. Essa mesma mulher menstruou até os 52 anos e segundo sua médica, isso estava lhe causando problemas de saúde, então passou por uma cirurgia para a extirpação do útero, causando a interrupção do sangramento; aí então é que parece que seus problemas se intensificaram. O relacionamento com o marido se tornou mais conflituoso, a libido foi embora junto com a menstruação. Para essa mulher, o modo possível de acessar a feminilidade era através da menstruação. Freud relata, que na segunda metade da vida da mulher, existe a tendência de entrar em maior conflito com o marido, sendo este o herdeiro da mãe dela.

Há muito tempo observou-se que muitas mulheres casadas, ao escolherem seu marido semelhante ao modelo paterno, não raro, repetem seu mau relacionamento pré-edípico com suas mães. Por isso Freud, advertia que os segundos casamentos em geral, são mais satisfatórios que os primeiros, estes herdariam a relação com o pai, supostamente mais elaborada. Freud-vol. XXII, pag. 119.

"Estamos grávidos" disse-me uma paciente que chegou ao consultório com o marido, a questão era justamente esta, o mal-estar desse homem, em relação ao bebê, ou seja, de quem era esse desejo de ter um filho? Bem, os dois estão esperando um bebê, mas somente ela pode estar grávida. A expressão mais falada por ela, era: " Nós", nós vamos fazer isso, nós vamos fazer aquilo... Justamente esse nós é que não estava mais funcionando.

No desejo de paternidade, um pai como sujeito ou como falasser, pode fazer de sua mulher ou da mulher eleita, uma mãe. Para alguns a mãe permanece em detrimento da mulher. Para o homem, cujo narcisismo não permite ceder seu lugar de filho, junto à mulher, para o próprio filho, a gravidez pode produzir tamanho mal-estar e um posterior afastamento, assim como pode promover uma rivalidade fraterna com o próprio filho.

O acesso ao campo do saber e do poder ou o mais de gozar, criados pela civilização aos quais as mulheres têm acesso, parecem serem substitutos reconhecidos à suplência da falta fálica. Um filho, que seria o único substituto fálico, fruto do amor por um homem, parece em alguma medida, ter perdido seu lugar; há mulheres que desdenham de ser mãe.

Essa rivalidade fálica, onde existe a ideia de que as mulheres teriam acesso a um gozo descontinuado, não parece colocá-la no lugar de um Outro; isto parece se mostrar na expressão "empoderamento feminino".

Há ainda de ambas as partes, a degradação da vida amorosa, na qual os dois precisam fazer o desdobramento entre objeto de amor e o objeto de desejo, Soler., pág. 134.

Tanto a feminilidade, quanto a masculinidade, são modelos criados pelo imaginário social. Se os significantes criados como, maternidade, paternidade, o provedor do modelo patriarcal, não são mais suficientes para dar conta do desejo. Diante dessa realidade, que outros representantes da cultura serão possíveis, dentro da castração que nos impõe limites?

Qual o lugar da masculinidade hoje? Alguns homens parecem estar perdidos quanto a essa questão. Aquilo que outrora funcionava, vencer pela força, pela autoridade, pelo mandar calar a boca ou ir lavar a louça, parece que não está funcionando mais. O fato de a mulher ocupar outras posições que a sociedade disponibiliza, parecem deixar esse homem perdido.

Em sua leitura sobre Lacan, Soler descreve em seu livro "O que Lacan dizia das mulheres" o que ela pensou sobre aquilo que chamou de "mudanças pelo avesso", como o casamento que não mais tem o estatuto que tinha outrora, assim como a maternidade; a criação de um filho sozinha ou num casal homossexual ou ainda entre uma mulher e um homossexual. Aquela chamada, mãe solteira, expressão que parece estar em desuso, bem como o surgimento de contratos civis, entre os que não querem se casar, assim como casamentos homossexuais e também as famílias monoparentais. As consequências dessa fragmentação dos laços sociais nos filhos é uma incógnita. Na chamada família tradicional, não há garantia de que a metáfora paterna aconteça, mas certamente há diferença.

Em tempos em que o imperativo do gozo é experimentar de tudo sem limites ou distinções, como se fosse da ordem de uma escolha sem predeterminações inconscientes, onde a abolição da diferença é imperativa, é impossível saber quais as consequências desses atos às atuais e futuras gerações.

BIBLIOGRAFIA:

S. Freud, Diferenciação entre o homem e a mulher, edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud- vol. VII, pág. 208.

S. Freud, Feminilidade, edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud- vol. XXII, pág. 116, 119 e 132.

C. Soler, O que Lacan dizia das mulheres, pág. 129,130,133,145,179,180.